

Maradona ou Chico Buarque?

ODED GRAJEW

A equipe econômica herda alguns indicadores econômicos aparentemente favoráveis. Em 14 meses, a inflação diminuiu, o déficit público parece mais equilibrado, a balança comercial continua gerando superávits. No entanto, quais foram os outros resultados da política econômica?

O desemprego aumentou, os salários foram achatados. Em consequência, aumentaram a evasão escolar, a violência, a mortalidade infantil, os problemas de saúde e a deficiência de moradias. E cresceram as disparidades na distribuição de renda.

Pior: quanto mais se agrava a recessão, aumenta o desemprego e faltam investimentos. Ausência de investimentos gera ainda mais desemprego, num círculo vicioso perverso. O crônico déficit público acarreta a falta de investimentos em áreas sociais. Será que o objetivo é eliminar o déficit deixando de investir? O superávit da balança comercial está em xeque: será destinado a pagar os juros da dívida externa ou a investimentos no País?

Hoje, o principal problema do País é o social. Temos o décimo PIB do Mundo. E daí, se no ranking da renda per capita estamos em 52º lugar, abaixo de Malásia, Argélia, Omã e Trindade-Tobago? Em educação, estamos em 74º lugar, abaixo de Madagascar, China, Indonésia, Zimbábue, Tunísia, Maurício, Malásia, Zaire e Egito. Em mortalidade infantil, em 64º lugar, na companhia de Haiti, Quênia,

Zaire, Peru, Zâmbia e Costa do Marfim.

O Brasil foi capaz de montar o mais moderno Estado do Terceiro Mundo da década dos 40 aos anos 70. Hoje, o País apresenta uma sociedade dualista: enquanto 40% operam numa economia moderna, com renda per capita anual de US\$ 4 mil, os restantes 60% da população sobrevivem numa economia primitiva, com uma renda per capita anual de US\$ 400. Estamos falando de 84 milhões de brasileiros que se situam entre a pobreza e a miséria absoluta.

Melhorar a qualidade de vida destes brasileiros deveria ser o objetivo do Governo. A evolução deste indicador deveria servir como parâmetro para avaliar o desempenho de uma equipe ministerial econômica.

Seguindo a mesma política recessiva de combate à inflação até agora praticada pelo Governo Collor, o Chile estabilizou a economia. O custo social foi altíssimo. A parcela pobre da população, que ganha abaixo de 30 dólares por mês, passou de 10% a 40%.

Temos diante de nós um problema parecido ao das pessoas que apenas cuidam de enriquecer mas são infelizes, solitárias, estressadas, sem saúde, amor, afeto. Claro que é melhor ser rico e também ter saúde física e mental. Mas, se não for possível esta situação ideal, a pessoa precisa fazer uma escolha.

Da mesma forma, o País também precisa escolher. Desejamos condicionar o compate à inflação a uma meta de desenvolvimento econômico com qualidade de vida?

Optar pela modernidade significa poder importar o último modelo de um automóvel de luxo ou colocar comida na mesa de todos os brasileiros?

Refletamos sobre o que aconteceu com o jogador argentino Maradona. Conseguiu uma imensa riqueza e um sucesso mundial em seu campo de atividade. Mas colocou toda a carreira a perder por não cuidar de sua estrutura pessoal.

O mesmo pode acontecer com o Brasil. Os índices econômicos são a droga que nos alienam dos verdadeiros problemas mostrados pelos indicadores sociais. Ficar o tempo todo dizendo que a inflação diminuiu, o saldo da balança aumentou, o PIB cresceu, não nos deixa encarar a realidade.

O Brasil quer seguir o modelo de gente que não mediu meios para chegar à riqueza e ao sucesso, como Maradona, Ferdinand Marcos, Donald Trump, Saddam Hussein, Ben Johnson? Ou prefere figurar na galeria de gente como Chico Buarque, Albert Sabin, Fernanda Montenegro, Fernando Pessoa, Albert Einstein e Gandhi, que se pautaram por valores próprios e dedicaram suas vidas à música, à ciência, às artes, aos direitos civis?

Este é o desafio para nós, para o novo Ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e para o Ministro permanente da Economia, Fernando Collor de Mello.